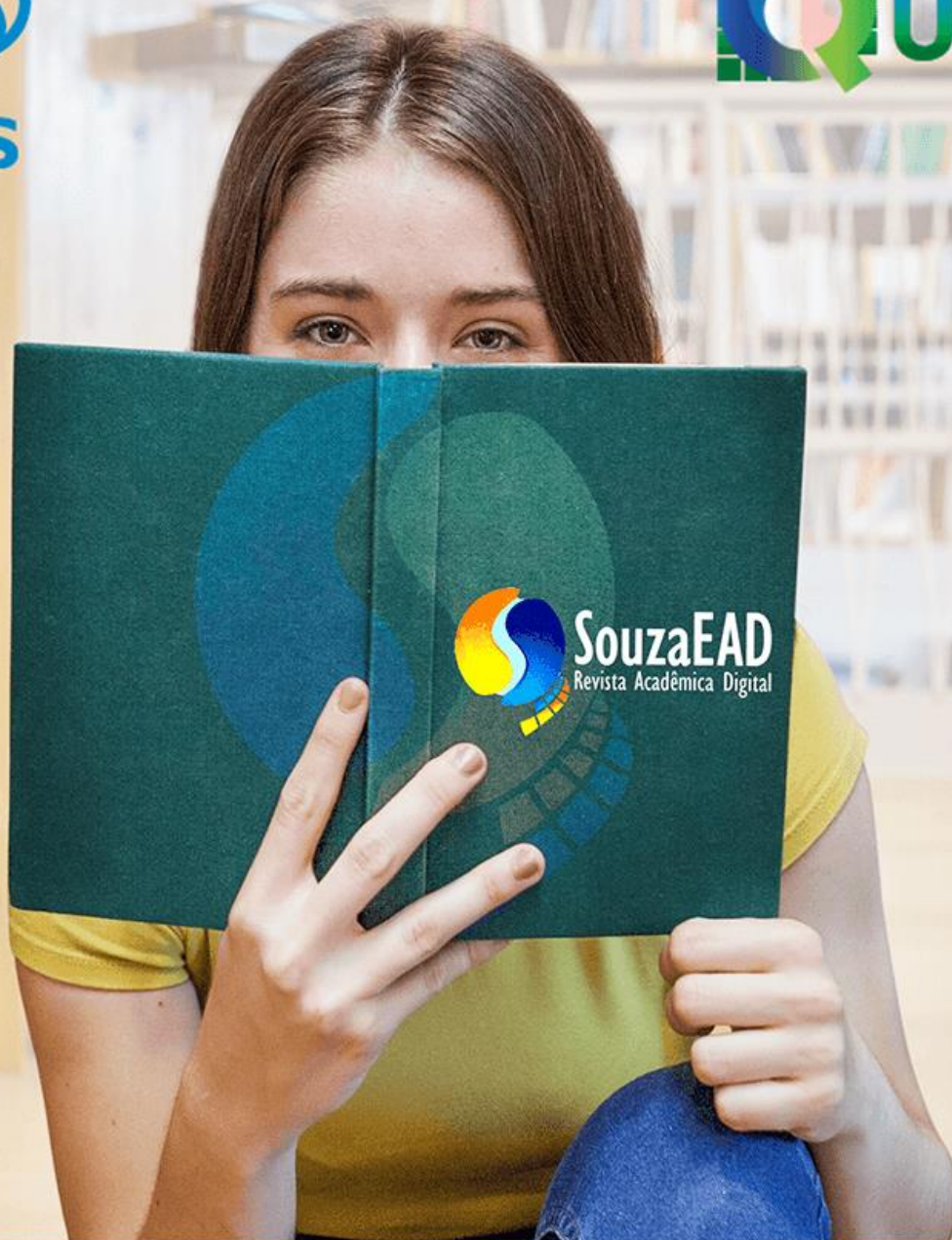




A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO “MINEIRÊS”: TRAÇOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS, MORFOSSINTÁTICOS, LEXICAIS E PRAGMÁTICOS EM PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA
THE LINGUISTIC VARIATION OF “MINEIRÊS”: PHONETIC-PHONOLOGICAL, MORPHO-SYNTACTIC, LEXICAL AND PRAGMATIC FEATURES IN A SOCIOLINGUISTIC PERSPECTIVE

FRENEDA, Jorge Luiz¹**RESUMO**

Este artigo descreve e discute a variedade regional conhecida como “mineirês”, associada ao português falado em Minas Gerais, à luz de referenciais da Sociolinguística variacionista e da Dialetoлогия. Com base em revisão de literatura, dados atlasográficos e exemplos ilustrativos, analisam-se processos fonético-fonológicos (p. ex., retroflexão de /r/, redução de ditongos e de sílabas átonas), padrões morfo-sintáticos (alternância *nós/a gente*, marcação variável de plural, usos de clíticos), repertório lexical (itens como *uai*, *trem*, *sô*) e traços pragmático-discursivos que funcionam como marcadores de identidade regional. Argumenta-se que o “mineirês” é uma variante legítima do português brasileiro (PB), resultado de condicionamentos históricos, sociais e geográficos, e que seu estudo contribui para a compreensão da diversidade do PB e para o combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação Linguística. Português Brasileiro. Minas Gerais. Sociolinguística. Dialetoлогия.

ABSTRACT

This article describes and discusses the regional variety known as “mineirês”, associated with the Portuguese spoken in Minas Gerais, in the light of variationist Sociolinguistics and Dialectology references. Based on a literature review, atlasographic data and illustrative examples, phonetic-phonological processes (e.g., retroflexion of /r/, reduction of diphthongs and unstressed syllables), morphosyntactic patterns (alternation *nós/a gente*, variable plural marking, use of clitics), lexical repertoire (items such as *uai*, *trem*, *sô*) and pragmatic-discursive traits that function as markers of regional identity. It is argued that “mineirês” is a legitimate variant of Brazilian Portuguese (BP), the result of historical, social and geographical conditioning, and that its study contributes to the understanding of the diversity of BP and to the fight against linguistic prejudice.

Keywords: Linguistic Variation. Brazilian Portuguese. Minas Gerais. Sociolinguistics. Dialectology.

¹ Mestre Linguística Aplicada - UNICSUL, especialista Educação a Distância: Elaboração de Materiais, Tutoria e Ambientes Virtuais – UNICSUL e Tradução e Instrumentalização da Língua Inglesa Universidade Estadual Paulista, Graduado Letras – UNIMAR e Pedagogia – UNINOVE. jorgefreneda@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A heterogeneidade é constitutiva das línguas naturais (LABOV, 1994; 2001). No Português do Brasil (PB), a variação apresenta fortes correlações com fatores regionais, sociais e estilísticos (MOLLICA; BRAGA, 2003; FARACO, 2008). Entre as variedades regionais, o chamado “mineirês” se projeta no imaginário nacional e no registro acadêmico como um conjunto de traços fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais que, combinados, indexam identidade regional e pertença (CRISTÓFARO-SILVA, 2003; CARDOSO et al., 2014).

Longe de constituir “erro” ou “desvio”, trata-se de uma **variante legítima** do PB, historicamente enraizada na formação do estado e nos contatos interregionais ao longo do tropeirismo e da mineração (FARACO, 2008; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Adota-se aqui a perspectiva variacionista, que entende a variação como sistemática e socialmente condicionada (LABOV, 1994; 2001), articulada a aportes da Dialetoлогия e Geolinguística que descrevem isoglossas e perfis regionais (CARDOSO et al., 2014). Em termos de política e ideologia linguística, parte-se do reconhecimento da pluralidade do PB e do combate ao preconceito (BAGNO, 2007). Para os aspectos estruturais do sistema, recorre-se a descrições fonético-fonológicas do PB (CRISTÓFARO-SILVA, 2003) e a estudos sobre padrões morfossintáticos variáveis (MOLLICA; BRAGA, 2003).

O “mineirês” é a variante linguística do português falada em Minas Gerais, caracterizada por um sotaque e expressões únicas. Não é um dialeto separado, mas sim uma forma regional de falar o português brasileiro, com variações dentro do próprio estado. O termo “mineirês” engloba um conjunto de peculiaridades linguísticas, como sotaque, entonação e vocabulário, que diferenciam a fala dos mineiros de outras regiões do Brasil.

Características do Mineirês:

- **Sotaque:** O sotaque mineiro é conhecido por sua melodia, com palavras e frases que parecem cantadas, e pela tendência a engolir o final das palavras.
- **Expressões:** O mineirês é rico em expressões e gírias regionais, como "uai", "trem", "bão", "ôce", "sô", entre outras.
- **Vocabulário:** Certas palavras e expressões são usadas de maneira peculiar, como o uso de "trem" para substituir diversas outras palavras.
- **Pronúncia:** Em algumas regiões de Minas, como no Triângulo e no Sul, o "R" retroflexo é comum, e há palatalização de consoantes.

Exemplos de expressões mineiras: "Uai": Expressão usada para demonstrar surpresa, admiração ou questionamento, muito comum e emblemática do mineirês.

- "Trem": Pode ser usado para substituir qualquer palavra, desde objetos até ações.
- "Bão": Forma abreviada de "bom", usada para cumprimentar ou perguntar sobre o bem-estar.
- "Ôce": Forma abreviada de "você", também comum em diversas frases.
- "Sô": Expressão usada para se dirigir a alguém de forma carinhosa ou informal.
- "Cê tá bão/boa?": Como você está?
- "Cuma?": Como é que é?
- "Oncê vai?": Para onde você vai?

É importante ressaltar que o mineirês não é um dialeto homogêneo, e há variações regionais dentro do próprio estado. O sotaque e as expressões podem variar entre a capital (Belo Horizonte), o Sul de Minas, o Triângulo Mineiro e outras regiões.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um **estudo de revisão com exemplificação controlada**. (i) Sistematiza-se a literatura sobre traços mineiros, com ênfase em atlas linguísticos e sínteses sociolinguísticas (CARDOSO et al., 2014; MOLLICA; BRAGA, 2003; CRISTÓFARO-SILVA, 2003). (ii) Selecionam-se exemplos canônicos de fala cotidiana, ilustrativos dos processos descritos, mantendo-se a ortografia fonológica apenas para fins de análise (cf. LABOV, 2001). O objetivo não é apresentar um corpus

inédito, mas reunir evidências **trianguladas** que caracterizem o perfil variacional do “mineirês”.

O chamado *mineirês* não como “erro” ou “desvio”, mas como variante legítima do português brasileiro (PB), resultante de processos históricos, sociais e linguísticos.

Para tanto, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

1. Revisão bibliográfica: levantamento de obras clássicas da Sociolinguística (LABOV, 1994; 2001), estudos sobre variação e preconceito linguístico (BAGNO, 2007; BORTONI-RICARDO, 2004) e descrições fonético-fonológicas do PB (CRISTÓFARO-SILVA, 2003).
2. Análise documental atlasográfica: consulta a dados do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014), que registram a distribuição regional de traços fonéticos e lexicais em Minas Gerais, evidenciando que as características atribuídas ao *mineirês* são sistemáticas e recorrentes.
3. Exemplificação de uso real: seleção de exemplos consagrados na literatura sociolinguística, como a retroflexão do /r/ em coda (*porta* → *póRta*), a redução de ditongos (*noite* → *noit*) e o emprego lexical de *uai* e *trem*. Esses exemplos funcionam como evidências empíricas de que o *mineirês* possui regularidades próprias e não se trata de uma fala “defeituosa”.
4. Análise crítica do imaginário social: discussão sobre como o *mineirês* é representado socialmente, muitas vezes de forma estigmatizada, e como tal representação se relaciona ao preconceito linguístico (BAGNO, 2007).

A partir desses procedimentos, demonstra-se que o *mineirês* deve ser compreendido como uma variante legítima do PB, inserida no conjunto de variações regionais que enriquecem a língua e expressam identidades culturais.

Na linguística, coda refere-se à parte final de uma sílaba, que consiste em uma ou mais consoantes que seguem o núcleo (a vogal). Uma sílaba pode ter ou não uma coda, e a presença ou ausência dela influencia a estrutura e as regras fonotáticas de uma língua.

Em resumo:

- A coda é a parte da sílaba que vem depois da vogal (o núcleo).
- Ela é composta por uma ou mais consoantes.
- A existência e o tipo de codas variam entre as línguas.

Exemplos:

- Na palavra "gato", a vogal "a" é o núcleo, e não há coda.
- Na palavra "porta", a vogal "o" é o núcleo, e a consoante "r" é a coda.
- Em algumas línguas, como o inglês, existem sílabas com codas complexas (com múltiplas consoantes), enquanto outras línguas podem ter restrições sobre quais consoantes podem aparecer na posição de coda.

Portanto, na linguística, mais especificamente na fonologia, coda se refere à posição final da sílaba, isto é, aos sons (consoantes ou semivogais) que aparecem depois do núcleo (a vogal).

Estrutura típica de uma sílaba (modelo canônico):

- Ataque (onset): consoante(s) que vêm antes da vogal
- Núcleo: a vogal (obrigatória, é o centro da sílaba)
- Coda: consoante(s) que vêm depois da vogal
- Outros exemplos em português:
 - "paz" → [paz]
 - /p/ = ataque
 - /a/ = núcleo
 - /z/ = coda
 - "porta" → ['pɔr.ta]
 - primeira sílaba: /p/ = ataque, /ɔ/ = núcleo, /r/ = coda
 - segunda sílaba: /t/ = ataque, /a/ = núcleo, (sem coda)

Nem todas as sílabas têm coda. Exemplo: "pé" [pɛ] → ataque (/p/), núcleo (/ɛ/), mas sem coda.

Em português, algumas consoantes são mais comuns na coda, como /s/, /r/, /l/, /m/, /n/, mas a realização varia regionalmente.

No *mineirês*, por exemplo, a coda /r/ muitas vezes é pronunciada como retroflexa ([ɻ] ou [ɽ]), dando o famoso sotaque mineiro: *porta* → *póRta*.

Estrutura silábica: com e sem coda

Ataque	Núcleo	Coda	
p	é	-	PÉ → sem coda
p	a	z	PAZ → com coda

P	ó	r	PORTA → com coda (retroflexa no mineirês)
---	---	---	---

Aqui está um esquema visual mostrando sílabas com e sem coda:

- PÉ → sem coda (apenas ataque + núcleo)
- PAZ → com coda (ataque + núcleo + coda)
- PORTA → com coda (no mineirês, o /r/ em coda é retroflexo)

4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO

4.1 Traços fonético-fonológicos

a) **Retroflexão de /r/ em coda:** a realização retroflexa [ɻ]/[ɽ] em posição pós-vocálica (p. ex., *po[ɻ]ta*, *ca[ɻ]ta*) é frequentemente associada a áreas de Minas e a zonas de contato com o interior paulista (CRISTÓFARO-SILVA, 2003; CALLLOU; LEITE, 2015). Variáveis condicionadoras incluem posição silábica, tonicidade e estilo.

b) **Redução de ditongos decrescentes:** *leite* → *leit*, *noite* → *noit*, especialmente em fala rápida e contextos informais, fenômeno amplamente atestado no PB e com alta saliência sociolinguística em Minas (CRISTÓFARO-SILVA, 2003; CARDOSO, 2014).

c) **Atoação de átonas finais e síncope:** encurtamento em *mesmo* → *mêsm*, *para* → *pra*, *está* → *tá*, como produto de processos de redução prosódica (CRISTÓFARO-SILVA, 2003).

d) **Alçamento vocálico em sílaba postônica:** alternâncias do tipo *telefone* ~ *telefoni* e *homem* ~ *homi* têm distribuição regional e estilística (CARDOSO et al., 2014; MOLLICA; BRAGA, 2003).

e) **Sibilantes palato-alveolares:** ajustes de [ʃ]/[ʒ] em coda e onset em fluxos rápidos podem ocorrer, sem exclusividade mineira, mas com perfis locais (CRISTÓFARO-SILVA, 2003).

4.2 Padrões morfossintáticos

a) **Alternância pronominal nós/a gente:** o uso de *a gente* com concordância de 3ª pessoa (*a gente vai*) mostra alta frequência em fala espontânea e se estende a

registros de Minas, com condicionamentos de estilo e interlocução (MOLLICA; BRAGA, 2003).

b) **Concordância verbal e nominal variável:** a redução de marca de plural em SNs complexos (*os menino*) e a regularização analógica em verbos de alta frequência são fenômenos documentados no PB e observáveis no “mineirês”, sob forte atuação de fatores prosódicos e de processamento (MOLLICA; BRAGA, 2003; BAGNO, 2007).

c) **Clíticos e pronomes oblíquos:** preferência por formas plenas (*me fala, fala comigo*) e pela ênclise proclítica típica do PB, com rarefação de mesóclise fora de registros formais (MOLLICA; BRAGA, 2003).

d) **Diminutivização e avaliativos:** produtividade de sufixos avaliativos (*-im, -inho/-inha*) em efeitos afetivo-pragmáticos (*cafezim, aguinha*), com distribuição social e estilística (CRISTÓFARO-SILVA, 2003; CARDOSO et al., 2014).

4.3 Léxico e fraseologia

O léxico regional funciona como **índice identitário**. Itens como **uai** (marcador discursivo multifuncional), **trem** (hiperônimo coloquial de grande extensão semântica) e **sô** (vocativo/partícula de tratamento) apresentam polifuncionalidade pragmática (CARDOSO et al., 2014; BAGNO, 2007).

A polissemia de *trem* permite usos referenciais, anafóricos e metalinguísticos, enquanto *uai* opera como marcador de surpresa, ênfase, (des)alinhamento e gerenciamento de turno, a depender da prosódia e do cotexto (MARCUSCHI, 2001).

4.4 Pragmática e estilo

A literatura sobre oralidade no PB evidencia o papel de marcadores discursivos e da cortesia linguística na gestão do engajamento e da afiliação (MARCUSCHI, 2001).

No “mineirês”, combinam-se entoações descendentes suaves, estratégias mitigadoras (*pois é, uai, né, sô*) e construções avaliativas que contribuem para uma persona discursiva frequentemente estereotipada como “cordial” e “econômica”

(BAGNO, 2007). Tais estereótipos devem ser tratados criticamente, distinguindo-se fato variacional de ideologia linguística.

4.5 Geolinguística intraestadual

O Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al. 2014) e levantamentos regionais indicam **heterogeneidade intramaneira**: áreas do **Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba** apresentam afinidades com o interior paulista; a **Zona da Mata** aproxima-se de perfis fluminenses; o **Norte de Minas/Jequitinhonha** exibe traços compartilhados com o interior baiano (CARDOSO et al., 2014). Assim, “mineirês” é rótulo útil, porém **abrangente e gradiente**, que encobre microvariações locais.

5. DISCUSSÃO

Os traços descritos emergem de **múltiplos condicionamentos**: (i) estruturais (ex.: maior vulnerabilidade de coda à redução); (ii) sociais (escolaridade, faixa etária, redes de interação); (iii) estilísticos (grau de planejamento/monitoramento da fala) (LABOV, 2001; MOLLICA; BRAGA, 2003).

A visibilidade midiática de itens emblemáticos (*uai*, *trem*) produz uma metapragmática que reifica o “mineirês” como marca cultural. Do ponto de vista pedagógico, reconhecer a legitimidade da variante é condição para uma educação linguística que acolha a diversidade e promova letramentos plurais (BAGNO, 2007; BORTONI-RICARDO, 2004).

6. CONCLUSÃO

O “mineirês” compõe o mosaico do PB como **variedade regional legítima e sistemática**. A associação entre processos fonético-fonológicos (retroflexão de /r/, redução), padrões morfossintáticos (variáveis de concordância, alternância pronominal), repertório lexical (itens regionais) e práticas pragmáticas configura um **perfil sociolinguístico** reconhecível, porém internamente diverso. Estudos futuros

podem aprofundar modelagens quantitativas por microrregião, incorporando prosódia e interação, além de ampliar descrições de tempo real para mudanças em curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 56. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALLOU, D.; LEITE, Y. Iniciação à fonética e à fonologia. 10ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

CARDOSO, S. A. et al. (org.). Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: EDUFBA; Londrina: EDUEL, 2014.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2003.

FARACO, C. A. Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARIA, G. M. O Dialeto Mineiro: um estudo sobre o falar de Minas Gerais. Editora UFMG, 2005.

LABOV, W. Principles of Linguistic Change: Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Principles of Linguistic Change: Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, M. Língua e Cultura em Minas Gerais. Editora Autêntica, 2010.

ROCHA, A. P. A. O “mineirês” e a diversidade dialetal em Minas Gerais: patrimônio cultural imaterial. Revista Labor Histórico, v.11, n.1, e66355, 2025. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v11i1.66355>.